

GEORGES SIMENON

# O finado sr. Gallet

Tradução  
*Eduardo Brandão*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited  
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm  
MAIGRET ® Georges Simenon Limited  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

*Monsieur Gallet, décédé*

Projeto gráfico

*Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes*

Capa

*Alceu Chiesorin Nunes*

Preparação

*Leny Cordeiro*

Revisão

*Thais Totino Richter*

*Adriana Bairrada*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.

O finado Sr. Gallet / Georges Simenon ; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed.: — São Paulo — Companhia das Letras, 2015.

Título original: Monsieur Gallet, décédé.  
ISBN 978-85-359-2650-7

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa)
2. Romance francês I. Título.

---

15-08588

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa  
843.0872

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj 32

04532-002 - São Paulo - SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## Sumário

1. Um caso aborrecido 07
2. Um rapaz de óculos 21
3. As respostas de Henry Gallet 33
4. O trapaceiro dos legitimistas 48
5. Os amantes econômicos 60
6. O encontro no muro 73
7. A orelha de Joseph Moers 84
8. O sr. Jacob 96
9. Um casamento de mentira 111
10. O colaborador 122
11. Uma questão comercial 134

# 1. Um caso aborrecido

O primeiro contato entre o comissário Maigret e o morto, com quem iria conviver por semanas na mais desconcertante intimidade, se deu no dia 27 de junho de 1930 em circunstâncias ao mesmo tempo banais, penosas e inesquecíveis.

Inesquecíveis principalmente porque havia uma semana que a Polícia Judiciária recebia uma nota atrás da outra anunciando a passagem do rei da Espanha por Paris, no dia 27. E lembrando as medidas a serem tomadas nesse tipo de caso.

Mas o diretor da PJ estava em Praga, onde participava de um congresso de polícia científica. O subdiretor tinha sido chamado à sua casa na costa normanda por causa da doença de um de seus filhos.

Maigret era o mais antigo dos comissários e deveria cuidar de tudo, num calor sufocante, junto dos funcionários efetivos que as férias reduziavam ao estritamente necessário.

Foi também na madrugada de 27 de junho que encontraram uma lojista assassinada na Rue Picpus.

Enfim, às nove da manhã todos os inspetores disponíveis tinham ido para a Gare du Bois-de-Boulogne, onde era aguardado o soberano espanhol.

Maigret mandara abrir portas e janelas e, sob a ação das correntes de ar, as portas batiam, os papéis voavam das mesas.

Às nove e alguns minutos chegava um telegrama de Nevers:

*Émile Gallet, representante comercial, domiciliado em Saint-Fargeau, Seine-et-Marne, assassinado na noite do 25 ao 26, Hôtel de la Loire, Sancerre. Numerosos detalhes estranhos. Favor avisar família para reconhecimento do corpo. Se possível mandar inspetor de Paris.*

Maigret não teve alternativa a não ser ir ele mesmo a Saint-Fargeau, de cuja existência, a trinta e cinco quilômetros de Paris, ele nem sequer sabia uma hora antes.

Ignorava o horário dos trens. Ao chegar à Gare de Lyon, disseram-lhe que partia um trem suburbano naquele instante, e ele saiu correndo, teve o tempo exato de pular no último vagão.

Isso bastou para deixá-lo ensopado de suor. Passou o resto da viagem recuperando o fôlego e enxugando o suor, porque era corpulento.

Em Saint-Fargeau, foi o único passageiro a descer e teve de perambular por vários minutos no betume amolecido da plataforma antes de encontrar um funcionário.

– O sr. Gallet? No fim da alameda central do loteamento. Tem uma placa na casa, em que está escrito Les Marguerites. Aliás, é praticamente a única construção concluída.

Maigret tirou o paletó, enfiou um lenço debaixo do chapéu-coco a fim de proteger sua nuca, porque a tal alameda tinha uns duzentos metros de largura e só era transitável no meio, onde não havia o menor sinal de sombra. O sol era de uma triste cor de cobre. As moscas esvoaçavam raivosamente, anunciando a tempestade.

Não havia viva alma para alegrar o cenário e informar o viajante.

O loteamento não passava de uma vasta floresta que devia ter feito parte de uma propriedade senhoria. Os empreendedores tinham se contentado em traçar uma rede de alamedas geométricas, como que passando um cortador de grama, e estender cabos elétricos que alimentariam de luz as futuras residências.

Em frente à estação, no entanto, uma pracinha fora instalada, com fontes de mosaico e repuxos. Num barraco de tábuas se lia: ESCRITÓRIO DE VENDA DOS TERRENOS. E ao lado figurava um mapa em que essas alamedas desertas já tinham nome de políticos e generais.

A cada cinquenta metros, Maigret puxava seu lenço para enxugar o suor, depois o metia sobre a nuca que começava a esquentar.

Aqui e ali ele via embriões de construções, pedaços de parede que os pedreiros deviam ter abandonado por causa do calor.

A pelo menos dois quilômetros da estação ele encontrou Les Marguerites, uma casa de estilo vagamente inglês, de telhas vermelhas, arquitetura complicada, muro rústico separando o jardim do que, alguns anos antes, ainda era floresta. Pelas janelas do primeiro andar ele avistou uma cama que sustentava um colchão dobrado em dois. As cobertas eram arejadas no parapeito da janela.

Tocou a campainha. Uma criada vesga de uns trinta anos espiou-o primeiro por um olho mágico, e enquanto ela se decidia a abrir a porta Maigret vestiu o paletó.

– A sra. Gallet, por favor?

– Da parte de quem?

Mas uma voz, lá dentro, já questionava:

– O que é, Eugénie?

E a sra. Gallet aparecia em pessoa à entrada, esperava, queixo erguido, as explicações do intruso.

– O senhor está deixando cair uma coisa! – observou sem amabilidade, enquanto ele tirava o chapéu, esquecendo o lenço que caía no chão.

Catou-o resmungando sílabas ininteligíveis, apresentou-se.

– Comissário Maigret, da primeira Brigada Móvel. Gostaria de ter uma breve conversa com a senhora.

– Comigo?

E virando-se para a empregada:

– Está esperando o quê?

Da sra. Gallet, pelo menos, Maigret já tinha feito uma ideia. Era uma mulher de uns cinquenta anos, abertamente desagradável. Apesar da hora, do calor, da solidão da casa, ela já estava armada de um vestido de seda cor malva e nem ao menos um dos seus fios de cabelo grisalho saía de um rígido alinhamento. Enfim, o pescoço, a blusa e as mãos eram repletos de correntes de ouro, broches e anéis cintilantes.

Ela acompanhou a contragosto o visitante até a sala de estar. Ao passar diante de uma porta entreaberta, Maigret mergulhou o olhar numa cozinha branca em que reluziam cobres e alumínio.

– Posso começar a encerar, senhora?

– Naturalmente! Por que não?

A doméstica desapareceu na sala vizinha e logo se ouviu ela passando a cera, ajoelhada no assoalho, enquanto um estimulante cheiro de terebintina se espalhava pela casa.

Em todos os móveis da sala havia bordados. Na parede, o retrato ampliado de um garoto comprido e magro, de joelhos salientes, rosto antipático, com roupa de primeira comunhão.

Em cima do piano, uma fotografia menor representando um homem de cabelos abundantes, barbicha grisalha, que vestia uma casaca mal cortada nos ombros.

A forma de seu rosto era tão oval quanto a do garoto. Outro

detalhe chocava, e Maigret levou alguns instantes para compreender que eram os lábios que quase cortavam em dois a figura e tinham uma estreiteza anormal.

– Seu marido?

– Sim, meu marido! Espero saber o que a polícia vem fazer aqui.

Durante a conversa que se seguiu, Maigret voltaria várias vezes seu olhar para o retrato e foi esse, propriamente dito, seu primeiro contato com o morto.

– Tenho uma má notícia para lhe dar, senhora. Seu marido está viajando, não é?

– E daí? Fale... Está querendo dizer que...

– Ocorreu um acidente, sim. Não exatamente um acidente... Peço-lhe para ser corajosa.

Ela se mantinha ereta à sua frente, mão apoiada numa mesinha que amparava um falso bronze. Seu rosto era duro, desconfiado, só seus dedos gordinhos se agitavam. Por que motivo Maigret pensou que ela certamente havia sido magra, bem magra até, durante a primeira metade da sua vida, e que só com a idade é que engordara?

– Seu marido foi assassinado em Sancerre, na noite de 25 para 26. Cabe a mim a penosa tarefa de...

O comissário se voltou para o retrato e perguntou, indicando o garoto da primeira comunhão:

– A senhora tem um filho?

Por um instante a sra. Gallet pareceu a ponto de perder aquela rigidez que ela julgava indispensável à sua dignidade. Disse sem muita convicção:

– Um filho, sim.

Logo em seguida, com uma voz triunfante:

– O senhor disse Sancerre, não é? E hoje é dia 27... Nesse caso, o senhor se engana! Espere...



Ela foi à sala de jantar onde Maigret avistou a criada agachada. Quando voltou, estendeu um cartão-postal ao visitante.

– Este cartão é de meu marido. Traz a data de 26, ou seja, ontem, e o carimbo do correio de Rouen.

Ela mal conseguia reprimir um sorriso que traía sua alegria de humilhar a polícia que se dava ao direito de entrar em sua casa.

– Trata-se sem dúvida de outro Gallet, se bem que eu não conheço nenhum outro.

Por pouco ela não abriu a porta da rua, que não podia se impedir de fitar.

– O nome de seu marido é Émile? E seus documentos de identidade lhe dão como profissão representante comercial?

– Ele é o agente da casa Niel et Cie para toda a Normandia.

– Meu receio é que a senhora se alegre equivocadamente. Sou obrigado a lhe pedir que me acompanhe a Sancerre. Tanto para a senhora quanto para mim...

– Mas se...

Ela sacudia o cartão, que representava o Mercado Velho de Rouen. A porta da sala não tinha sido fechada e via-se ora o traseiro e os pés da empregada, ora sua cabeça e o cabelo que ocultavam seu rosto. Ouvia-se deslizar nas tábuas corridas o trapo engordurado de cera.

– Creia que desejo de todo o meu coração que seja um erro. No entanto, os documentos encontrados nos bolsos do morto são os de seu marido.

– Podem tê-los roubado.

A inquietude, porém, começava a transparecer em sua voz, sem ela querer. Acompanhou o olhar que Maigret lançava ao retrato, observou:

– Essa foto foi tirada quando ele já estava de regime...

– Se a senhora quiser almoçar – disse o comissário –, posso buscá-la daqui a uma hora.

– De jeito nenhum. Se o senhor acha que... tenho... Eugénie! Meu casaco preto de seda, minha bolsa e minhas luvas.

Maigret não tinha o menor interesse pelo caso, que possuía todas as características de um caso desagradável por excelência. E, se guardava na memória a imagem do homem de barbicha – que estava de regime! – e do menino com roupa de primeira comunhão, era sem se dar conta.

Tudo o que precisava fazer parecia uma tremenda chatice. Descer novamente, numa atmosfera cada vez mais sufocante, a alameda central, primeiro, sem poder, dessa vez, tirar o paletó. Esperar trinta e cinco minutos num banco da estação de Melun, onde comprou uma cesta com sanduíches, frutas e uma garrafa de Bordeaux.

Às três da tarde, estava instalado em frente à sra. Gallet, num compartimento de primeira classe, e rodava na linha principal de Moulins, que passa por Sancerre.

As cortinas estavam abertas, os vidros abaixados, mas só de tempos em tempos recebia um pequeno sopro de ar fresco.

Maigret havia tirado o cachimbo do bolso, depois olhou para sua companheira e desistiu da ideia de fumar em sua presença.

O trem rodava havia mais de uma hora quando ela indagou com uma voz enfim mais humana:

– Como o senhor explica isso?

– Até agora, não posso explicar nada, senhora. Não sei de nada. Como lhe disse, o crime foi cometido na noite de 25 para 26, no Hôtel de la Loire.

“Estamos em período de férias. Além do mais, as procuradorias do interior nem sempre são apressadas. A Polícia Judiciária só foi avisada esta manhã.

“Seu marido tinha o costume de lhe enviar cartões-postais?”

– Sempre que se ausenta.  
– Ele viajava muito?  
– Três semanas por mês, mais ou menos. Ia a Rouen, onde parava no Hôtel de la Poste. Há vinte anos! De lá, cobria toda a Normandia, mas se organizava sempre que possível para voltar no fim do dia a Rouen.

– Vocês só têm um filho?  
– É, um filho. Ele trabalha num banco, em Paris...  
– Não mora com vocês em Saint-Fargeau?  
– É longe demais para voltar todos os dias para casa. Ele passa os domingos conosco.

– Posso lhe aconselhar a comer alguma coisa?  
– Obrigada! – soltou com o mesmo tom com que teria respondido a uma impertinência. E, de fato, ele não a via mordiscando um sanduíche como uma qualquer, tomando um vinho morno no copo de papel da companhia ferroviária.

Sentia-se que para ela a dignidade não era uma palavra vazia. Ela nunca deve ter sido bonita, mas tinha os traços regulares e, menos rígida, não teria carecido de charme, graças a um toque melancólico que sua fisionomia exprimia e que sua maneira de manter a cabeça inclinada de lado realçava.

– Por que teriam matado meu marido?  
– A senhora não conhece nenhum inimigo dele?  
– Nem inimigo, nem amigo! Vivíamos isolados, como todos os que se conheceram numa outra época, que não a época brutal e vulgar do pós-guerra.

– Ah!  
A viagem era interminável. Várias vezes Maigret foi até o corredor dar umas baforadas em seu cachimbo. Seu colarinho postiço tinha amolecido sob a ação do calor e da sua transpiração abundante. Ele invejava a sra. Gallet, que nem percebia os trinta e três ou trinta e quatro graus à sombra e que mantinha exatamente a pose que havia adotado no início, como para um

deslocamento de ônibus, a bolsa no colo, as mãos na bolsa, a cabeça um tantinho virada para a porta.

– Como esse... esse homem foi morto?

– O telegrama não diz. Entendi que o encontraram morto de manhã.

A sra. Gallet teve um sobressalto, foi um momento, a boca entreaberta, buscando sua respiração.

– É impossível ser meu marido! Este cartão é uma prova, não é? Eu nem precisaria ter vindo.

Sem saber direito por quê, Maigret lamentou não ter pegado a foto no piano, pois já sentia dificuldade em reconstituir na memória a parte de cima do rosto. Em compensação, revia nitidamente a boca comprida demais, a barbinha densa, a parte da casaca com os ombros mal cortados.

Eram sete da noite quando o trem parou na estação de Tracy-Sancerre, e ainda foi preciso percorrer um quilômetro de estrada e atravessar a ponte suspensa que cruza o Loire.

Este não oferecia o espetáculo majestoso de um rio, mas sim o de uma infinidade de riachos de água límpida correndo entre bancos de areia cor de trigo bem maduro.

Numa dessas ilhotas, um personagem de traje amarelo pescava com linha e anzol. Avistaram o Hôtel de la Loire, cuja fachada amarela se erguia ao longo do cais.

Os raios de sol eram mais oblíquos, mas o ar, adensado pelo vapor d'água, continuava irrespirável.

Agora era a sra. Gallet que encabeçava a marcha, e, vendo próximo ao hotel um homem que andava de um lado para o outro e que devia ser um colega, Maigret amarrou a cara à ideia de que o par que formava com sua companheira era ridículo demais.

Pessoas de férias, famílias principalmente, de roupa clara, se punham à mesa sob um telhado de vidro por onde circulavam as garçonetes de avental e touca brancos.

A sra. Gallet tinha visto o letreiro em que o nome do hotel estava, rodeado por escudos de várias associações. Rumou direto para a porta.

– Polícia Judiciária? – questionou o homem que perambulava, detendo Maigret.

– Pois não?

– Levaram-no para a prefeitura. Apresse-se, porque a autópsia vai ser às oito. O senhor tem pouco tempo para chegar na hora.

A hora de travar conhecimento com a morte! Nesse momento Maigret sempre se arrastava como um homem que leva a cabo uma tarefa penosa e maçante.

Mais tarde teve todo o tempo de rememorar detalhadamente esse segundo contato, que não seria seguido de nenhum outro.

O lugarejo era de um branco cru na luz tempestuosa daquele fim de tarde. Galinhas e gansos atravessavam a estrada e a cinquenta metros, num círculo de sombra, dois homens de avental azul ferravam um cavalo.

Em frente à prefeitura, havia pessoas à mesa do terraço de um café, e um ambiente de cerveja fresca, de cubos de gelo boiando em aperitivos aromáticos, de jornais chegados de Paris se destacava da sombra dos toldos com listas vermelhas e amarelas.

Três carros estavam estacionados no meio da praça. Uma enfermeira procurava a farmácia. Na prefeitura, uma mulher lavava o corredor de ladrilhos cinzentos.

– Com licença. O corpo?

– Nos fundos. No pátio coberto da escola. Aqueles senhores estão lá. Pode passar por aqui.

Ela designava uma porta acima da qual estava escrita a pa-

lavra FEMININO, enquanto a palavra MASCULINO figurava na outra ala do prédio.

A sra. Gallet ia à frente com uma segurança inesperada. No entanto, Maigret presumia ser uma espécie de vertigem que a movia.

No pátio da escola, um médico de jaleco fumava um cigarro passeando como um homem à espera de alguma coisa. Às vezes esfregava suas mãos delicadas uma na outra.

Dois outros personagens conversavam à meia-voz, perto de uma mesa onde um corpo estava deitado sob um lençol branco.

O comissário tentou frear a marcha impetuosa de sua acompanhante, mas não teve tempo para intervir. Ela já chegava ao pátio coberto, fazia uma pausa em frente à mesa e, com a respiração entrecortada, levantava de repente o lençol na altura do rosto.

Não deu um grito. Os dois homens que conversavam tinham se virado para ela, espantados. O doutor colocava luvas de borracha e clamava em frente a uma porta:

– A srta. Angèle ainda não voltou?

Enquanto ele tirava uma das luvas para acender mais um cigarro, a sra. Gallet permanecia imóvel, rígida, e Maigret se mantinha pronto para socorrê-la.

Ela se virou bruscamente para ele, rosto colérico, gritou:

– Como é possível? Quem ousou?

– Venha, senhora. É ele, não é?

Com olhos que se moviam muito, ela olhava para os dois homens, o médico de branco, a enfermeira que chegava balançando os quadris.

– O que vão fazer? – articulou com uma voz mais rouca.

E como Maigret, incomodado, hesitasse em responder, ela se atirou finalmente sobre o corpo do marido, lançou para o pátio e para os presentes um olhar de raiva, de desafio, e berrou:

– Não quero! Não quero!

Tiveram de levá-la à força dali e confiá-la à zeladora, que abandonou seus baldes d'água. Quando Maigret voltou ao pátio coberto, o médico estava com um bisturi na mão, uma máscara no rosto, e a enfermeira lhe estendia um frasco de vidro jateado.

O comissário, sem querer, chutou um chapeuzinho preto de seda, enfeitado com um nó malva e um cabochão de falsos brilhantes.

Não assistiu à autópsia. O crepúsculo estava próximo e o médico havia declarado:

– Tenho um jantar para sete pessoas em Nevers.

Os dois homens eram o juiz de instrução e seu escrivão. O juiz se contentou, depois de apertar a mão do comissário, em pronunciar:

– Fale com a polícia local que iniciou a investigação! É um caso extremamente complicado.

O cadáver estava nu sob o lençol que puxaram.

E o monótono encontro não durou mais que alguns segundos. O corpo era bem o que se podia imaginar a partir da fotografia: um corpo comprido, ossudo, com um peito cavado de burocrata, uma tez pálida que fazia os pelos parecerem mais escuros, embora os do peito fossem arruivados.

De intacto só tinha a metade do rosto, porque a face esquerda havia sido arrancada pelo tiro.

Os olhos estavam abertos. As pupilas, de um cinza de camundongo, estavam apenas mais apagadas que no retrato.

– Ele estava de regime... – dissera a sra. Gallet.

Sob o mamilo esquerdo, enfim, um ferimento nítido, regular, preservando a forma de uma lâmina. O doutor, atrás de Maigret, dançava de impaciência.

– É ao senhor que devo enviar meu laudo? Para qual endereço?

– Hôtel de la Loire.

O juiz e seu escrivão olhavam para outro canto, calavam-se. Quando tentou sair, Maigret se enganou de porta, deu numa das salas da escola, entre os bancos.

A ventilação ali era ideal, e o comissário demorou-se um instante diante dos cromos representando “a colheita”, “uma fazenda no inverno” e “um dia de feira na cidade”.

Numa prateleira havia madeira, estanho e ferro, todas as medidas de peso e de capacidade, em ordem de tamanho.

O comissário enxugou o suor. Ao atravessar a porta, encontrou o inspetor de polícia de Nevers, que o procurava.

– Até que enfim o senhor chegou! Vou poder encontrar minha mulher em Grenoble. Imagine que ontem de manhã, quando nos telefonaram, eu estava saindo de férias.

– Encontrou alguma coisa?

– Absolutamente nada! O senhor vai ver que é um caso inacreditável. Se quiser que jantemos juntos, lhe darei os detalhes, se é que se pode chamar isso de detalhes. Não roubaram nada! Ninguém viu nada, ouviu nada! E duvido que alguém seja capaz de dizer por que esse homem foi morto. Uma só particularidade, mas que sem dúvida não levará muito longe. Quando ele se hospedava no Hôtel de la Loire, o que acontecia de vez em quando, era com o nome de Clément, rentista, de Orléans.

– Vamos tomar um aperitivo! – propôs Maigret.

Ele se lembrava da tentadora atmosfera do terraço que, havia pouco, lhe parecera o refúgio sonhado.

No entanto, quando se viu diante de um chope gelado, não sentiu a satisfação esperada.

– A investigação mais decepcionante que se possa imaginar – suspirava seu companheiro. – O senhor vai ver! Nada em que se deter! E nada também que saia do comum, salvo que esse homem foi assassinado...



Por alguns minutos, continuou nesse tom sem perceber que o comissário não o escutava.

Tem gente que só encontramos uma vez na rua e cuja fisionomia, no entanto, não podemos esquecer. De Émile Gallet, Maigret havia visto somente uma fotografia, uma metade de rosto e o corpo pálido.

E era a fotografia o que mais vivia em seu espírito.

Justamente, ele tentava avivá-la, imaginar o sr. Gallet numa conversa com a mulher na sala de jantar de Saint-Fargeau, ou saindo de casa para pegar o trem na estação.

Por lampejos, o alto do rosto se tornava mais claro. Maigret supôs que havia olheiras escuras abaixo das pálpebras.

– Aposto que é uma doença do fígado! – exclamou de repente à meia-voz.

– Em todo caso, não foi de uma doença do fígado que morreu! – replicou, vexado, o inspetor de Nevers. – Uma doença do fígado não arranca a metade da cara de ninguém, nem atravessa o coração!

As lâmpadas do estande de tiro ao alvo de um parque de diversões se acendiam no meio da praça, onde um carrossel de cavalos de madeira era desmontado.